

Ensaio: A construção de um currículo descolonizador: a identidade negra em questão

Rafael Mendes Olivério¹

Resumo: Este ensaio trata da importância do currículo na educação brasileira e a relevância de trabalhar, por meio deste instrumento pedagógico, temas relacionados à construção da identidade negra. Por meio de pesquisas bibliográficas de autores que tratam sobre o assunto “preconceito racial na escola” pôde-se perceber o quanto este tema ainda deve ser discutido. Desta forma objetiva-se colocar em pauta uma discussão entre os profissionais da educação sobre, a importância de se construir um currículo que seja descolonizador de ideias e ideais preconceituosos e racistas.

Palavras-chave: Currículo; Preconceito; Afro-brasileira; Identidade.

Currículo e educação

Já é algo comumente discutido, o fato da educação não se realizar somente nos ambientes formais como escolas e universidades, mas também nos ambientes informais como teatro, cinema, convivência familiar e reuniões com amigos. Porém é na escola, na sala de aula, onde coexistem com maior intensidade uma heterogeneidade de ideologias, interpretações, valores, vivências, símbolos e preconceitos.

Preconceito é o julgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação. (GOMEZ, 2016, *apud* MCLAREN, 1997, p. 212)

A sociedade brasileira, desde sua concepção, é formada por diferentes culturas e etnias, diversidade que deve ser apreciada no ambiente escolar. Daí a importância do currículo, pois é na construção deste instrumento educacional que se poderão incluir atividades que proponham diálogos sobre o racismo e outros diversos preconceitos existentes.

No fundo das teorias do currículo está, pois, uma questão de ‘identidade’ ou de ‘subjetividade’. Se quisermos recorrer à etimologia da palavra ‘currículo’, que vem do latim *curriculum*, ‘pista de corrida’, podemos dizer que no curso dessa ‘corrida’ que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. (SILVA, 2011, p. 15)

¹ Graduado e licenciado em História pelo Centro Universitário Projeção, UNIPROJEÇÃO, Brasília, 2016. faelmendes31@hotmail.com.

Levando em consideração o trecho acima citado, não se pode deixar de salientar que existem rivalidades ideológicas do campo educacional e que estas rivalidades se concentram nesta “pista de corrida” que é o currículo. Compreende-se desta forma que o currículo é um instrumento político-educacional que pode, em sua elaboração, contemplar e privilegiar um segmento da sociedade em detrimento de outro. Logo, não podem se ausentar das práticas de elaboração curricular o resgate de conteúdos ligados à população afro-brasileira que historicamente foram invisibilizados ou inferiorizados.

Em pesquisa apresentada por Nilma Lino Gomes (2003), sobre a construção da identidade negra nos espaços escolares, a autora percebeu, através de entrevistas realizadas que, a escola se apresenta como um espaço importante onde também se desenvolve o processo tenso da constituição da identidade negra, porém lamenta que este espaço não sirva como valorizador da estética do cabelo crespo e pele negra.

Descolonizar os currículos, sair do lugar de silêncio e conformidade é mais um desafio para a educação escolar brasileira. Pois como diz um ditado popular “quem cala consente”, o silêncio garante a perpetuação de valores que depreciam a cultura afro-brasileira e afirmam as desigualdades sociais. Assim se torna imprescindível a formação de um currículo que proporcione uma educação onde se possa compreender que não existem hierarquias entre os conhecimentos, culturas e saberes, mas uma história de subjugação, exploração e colonização de um povo que tornou possível essa construção que intitula uma cultura, um saber e um povo melhor que o outro.

Nas circunstâncias onde a discriminação racial aparece como fator de seleção dentro do ambiente escolar, o silêncio pode ser um dos instrumentos pedagógicos por meio do qual esta discriminação se realiza. Porém não se pode cometer o equívoco de ver no silêncio um desconhecimento sobre o assunto da discriminação, é necessário discuti-lo e entender qual sua relevância na realidade sócio escolar.

Somente por meio desta compreensão é que se poderá caminhar rumo a uma inovação curricular, que viabilizara uma construção positiva do “ser negro”, colocando em destaque, não mais a figura do negro escravizado, fujão, malandro, mas do negro que se reinventou para sobreviver em meio a uma sociedade preconceituosa e racista, inserindo-se desta forma na construção da nacionalidade e cultura brasileira.

Quanto mais cresce o direito à educação, quanto mais se amplia o acesso à educação básica e se populariza o acesso ao ensino superior, mais os sujeitos antes invisibilizados e desconsiderados, entram para o espaço escolar. Estes sujeitos aparecem com seus conhecimentos, suas condições de vida, sofrimentos, valores e vitórias e “questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias” (GOMES, 2012, p.99). Neste âmbito a educação se vê questionada sobre interpretações clássicas do sistema educativo. Este desenvolvimento atinge os currículos, são novos desafios que se apresentam para os gestores educacionais.

Criada e promulgada há mais de dez anos, a lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas instituições educacionais, apesar de ter proporcionado alguns avanços ainda esbarra na falta de preparação dos profissionais da educação e até mesmo no racismo.

Para garantir que esta lei cumpra seu papel na construção de uma sociedade menos preconceituosa se torna necessário que as instituições escolares incluam em seu Projeto Político Pedagógico atividades curriculares que proporcionem o ensino da história e da cultura afro-brasileira de forma que coloque o assunto (preconceito, racismo, história e cultura afro-brasileira) no escopo das discussões entre os professores e entre professores e alunos, com o intuito de desvelar preconceitos e tornar possível o papel da educação.

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (SILVA, 2015 *apud* FREIRE, 1980, p.69)

Assim o ambiente escolar, sendo visto como espaço onde, se torna possível a construção da identidade, levando em consideração que a mesma pressupõe uma interação e que nenhuma identidade é constituída no isolamento. A educação tem o desafio de resgatar, através do currículo, conteúdos referentes à cultura e história afro-brasileira, de maneira a despertar o orgulho em ser negro, pois segundo Gomes (2002) “O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.”.

Referências bibliográficas:

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. In: Aletria – revista de estudos de literatura. Belo Horizonte, UFMG, V.9, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296/1392> . Acesso em abril de 2018.

_____. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan/jun, 2003.

_____. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras, v12, n.1, p. 98-109, jan/abr, 2012.

SCOPEL, Delza Tonole; GOMEZ, Mercedes Silverio. **O papel da escola na superação do preconceito na sociedade brasileira**. Revista Educação e Tecnologia. Faculdade de Aracruz, Espírito Santo. Ano 2, n.1, abr/set, 2006.

SILVA, Francisco Thiago. **Currículo Festivo e Educação das Relações Raciais**. 1. Ed. Rio Grande: Pluscom, 2015.